

GAZETA MERCANTIL

R
A trajetória do
maior jornal de
economia do país



CÉLIA DE GOUVÊA FRANCO



Lançamento

***Gazeta Mercantil:*
a trajetória do maior jornal
de economia do país**

Autora: Célia de Gouvêa Franco

ISBN: 978-65-5541-534-6

Nº de páginas: 176

Editora Contexto

Gazeta Mercantil: a história de sucesso e seu melancólico fim

Claudio Conceição, do Rio de Janeiro

O Brasil teve grandes jornais ao longo dos anos. Citando alguns: os *Diários Associados*, da época de Assis Chateaubriand. O *Jornal do Brasil*, carinhosamente chamado de JB, que revolucionou a forma estética e a linguagem dos textos. O *Jornal da Tarde*, do grupo do Estadão. E a *Gazeta Mercantil* que foi considerado o maior jornal de economia do país. Todos definharam.

É a trajetória da *Gazeta* que Célia de Gouvêa Franco, que por 20 anos trabalhou no jornal, descreve no recente livro *Gazeta Mercantil: a trajetória do maior jornal de economia do país*, da Editora Contexto.

Fiz parte do grupo que iniciou e consolidou o jornal, a partir de 1974, como o mais influente do país, em um período em que a economia brasileira avançava aceleradamente, que ficou conhecido como o milagre econômico. Só para se ter uma ideia, em 1973, quando já se preparava a nova *Gazeta Mercantil*, o PIB cresceu 14% e a inflação des-

ceu de 25% ao ano para 15%. Vivíamos uma ditadura militar. Emílio Garrastazu Médici era o presidente, cargo que ocupou de 1969 a março de 1974. Já tínhamos o Ato Institucional número 5 (o AI-5), que suspendeu direitos políticos, prendeu muita gente – alguns foram mortos ou desapareceram –, muitos foram exilados. A Aliança Renovadora Nacional (Arena) dava sustentação ao governo, enquanto o outro partido que sobrou, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), lutava na oposição. Eram tempos de trevas.

E foi dentro desse contexto que o deputado federal Herbert Levy, da Arena, e sua família decidiram lançar um jornal de economia, já que havia um nicho de mercado com a expansão da economia e falta de informações de qualidade para tomada de decisões por parte dos empresários.

Na verdade, desde a década de 1920, quando foi fundada, até 1973, quando começou a mudança, a *Ga-*

zeta Mercantil era um boletim mimeografado que circulava entre poucos leitores. Trazia informações sobre o ainda incipiente mercado financeiro e sobre preços de matérias-primas. Também trazia informações sobre falências e títulos protestados e dados sobre importações. Também informava o que acontecia nas Bolsas de Valores do Rio, fundada em 1820, e na de São Paulo, de 1890. Mas quase não havia negócios. Naquela época, em 1920, o boletim se chamava *Gazeta Mercantil Comercial e Industrial*. Foi comprada por Herbert Levy, que já publicava o *Boletim Comercial Levy*, desde 1929, e a *Revista Financeira Levy*, desde 1933. A compra foi a semente para, dali a alguns anos, surgir o maior jornal de economia do país, comandado pelo filho do dr. Herbert, como era chamado na redação, Luiz Fernando Levy, já falecido.

Em 1985, na lista da *Fortune*, apareciam os sete jornais mais influentes do mundo: *The Wall Street Journal*, *Nihon Keizai Shinbun*, *Financial Times*, *Handessblatt*, *The Australian Financial Review*, *Il Sole 24 Ore* e a *Gazeta Mercantil*. Desses sete jornais, só a *Gazeta* deixou de circular em 2019.

Os dois jornais econômicos que são considerados os melhores e mais influentes, conseguiram não só sobreviver, mas também crescer em importância e tiragem, apesar do desafio da perda de anunciantes, provocada pelo avanço das mídias na internet, e do processo de digitalização. Os dois são o *Financial Times*, de Londres, e o *The Wall Street Journal*, de Nova York.

A *Gazeta Mercantil* foi a
grande escola de jornalistas
na área econômica e política,
onde “trabalharam diversos
chefes de redação, editores,
repórteres que depois foram
para outros veículos”

O prefácio do livro, escrito por Célia, que chamo carinhosamente de Celinha, conta que nos 90 anos de existência da *Gazeta Mercantil* – iniciada com o boletim mimeografado de 1920 –, o período em que realmente fez diferença no país foram os

35 anos iniciados em 1974 e terminados em 29 de maio de 2009, quando o jornal deixou de circular, “nos quais seu papel se misturou profundamente com os negócios, o sistema financeiro, o mundo da política, de tal forma que sua história pode ser entendida como espelho do período em que o Brasil passou por profundas transformações, a começar pela mudança de ditadura militar para a democracia”.

Carlos Eduardo Lins da Silva, na apresentação do livro, escreve que a *Gazeta Mercantil* foi a grande escola da especialização profissional de jornalistas na área econômica e política, onde “trabalharam diversos chefes de redação, editores, repórteres que, depois dela, foram para outros veículos e, neles, ajudaram a formar novas gerações de jornalistas que agora desempenham suas funções.

Ela estabeleceu padrões de qualidade até então inexistentes no jor-



Roberto Muller Filho foi vice-presidente da *Gazeta* e responsável pela transformação do jornal que foi, durante quase 35 anos, o maior veículo de economia do país, figurando entre os sete melhores do mundo, segundo a *Fortune*. Muller faleceu no dia 4 de junho, aos 82 anos de idade.

nalismo que lidava com economia no país. Durante pelo menos 35 anos (de 1974 quando seus proprietários ambiciosamente a transformaram de um mero boletim de informações em um jornal comparável aos melhores de seu gênero no mundo, a 2009, quando deixou de circular), ela foi referência para todos que se interessavam por assuntos de economia”.

A *Gazeta*, em seus áureos tempos, chegou a ter mais de 600 jornalistas espalhados pelo Brasil e no exterior, e uma tiragem da ordem de 150 mil exemplares na década de 1980. Um dos pontos marcantes do jornal foi a criação do *Balanço anual*, que trazia análises sobre os principais setores da economia, além de *ranking* elaborado com a análise de mais de oito mil balanços de empresas, feito por uma equipe de analistas do Centro de Informações (CI), que dava apoio aos jor-

nalistas com um imenso arquivo de matérias e estatísticas.

Foi criado o Fórum de Líderes Empresariais, em que a cada ano se elegia os principais líderes setoriais e o empresário do ano. Desse Fórum, ainda no período da ditadura militar, foi divulgado o *Documento dos oito*, onde dos dez líderes eleitos, oito assinaram um documento pedindo a volta da democracia.

A *Gazeta* também foi o primeiro jornal a ter um sistema de transmissão inédito do jornal que era feito em São Paulo para outras capitais, como Rio e Brasília, onde era impresso. Isso fazia com que o jornal chegasse rapidamente às bancas.

Mas o que levou um jornal tão influente, que chegou a ganhar o prêmio Maria Moors Cabot, da Universidade de Columbia, um dos mais respeitados do mundo em jornalismo, a definhar até o último suspiro? São várias as razões.

Má gestão, acordos e parcerias mal estruturadas, ampliação excessiva de frentes – ao longo dos 35 anos em que a *Gazeta Mercantil* circulou –, criaram-se programas de TV, compra de jornais – um deles foi em Mendoza, na Argentina – de revista, a *IstoÉ*, lançamento da *Gazeta Mercantil Latino-americana*, tabloide semanal, bilíngue (português e espanhol), no qual também trabalhei. Todas essas frentes deram prejuízo: foram vendidas ou deixaram de circular.

Também tiveram papel decisivo os frequentes desvios de dinheiro para negócios da família, como fazendas e empresa de reflorestamento. Também contribuíram para a derrocada a compra de prédio para a nova sede e a abertura de várias diretorias pelo Brasil afora, inflando a folha salarial. Já em crise, a *Gazeta* passou a ter a concorrência do *Valor Econômico*, criado em uma associação da *Folha de S. Paulo* com *O Globo*. Isso acelerou a derrocada, já que, em crise financeira, muitos jornalistas da *Gazeta*, com salários atrasados, migraram para o novo jornal.

No livro, Célia de Gouvêa Franco, que foi casada com Celso Pinto, um dos mais brilhantes jornalistas do país, já falecido, e que por anos foi editor de Finanças da *Gazeta* e que criou o *Valor Econômico*, conta a trajetória do jornal, desde sua criação até o seu melancólico fim. Leitura obrigatória para quem quer conhecer a história do país vista pelas páginas do jornal que foi o maior do Brasil na área econômica. ■



Redação da *Gazeta Mercantil*.